

DIALETICA DA PANTOMIMA

A pantomima, como toda arte que pretende ser "pura", está condenada, irresistivelmente, a viver e a impôr-se através de suas referências "impuras": imitação, engodo, etc. Por outro lado, estas aparecem pequenas, desprezíveis, diante da absoluta transcendência e auto-suficiência, que a obra postulava como exigência radical. Já dizia Mallarmé do balé: "Toujours une banalité flotte entre le spectacle dansé et vous." E o balé ainda é menos absoluto, o balé afinal "interpreta": seu ponto de referência é a música, isto é, não se trata de um limite que surge como derrota, que se manifesta "durante" ou "depois" da realização artística, mas sim de algo que existia originariamente, como elemento básico e ineliminável dessa arte. O limite do balé, em certo sentido, não existe, porquanto participa da "impureza", aceita e substancial do genero. Entretanto, ele se nos afigura, instintivamente, como um limite.

O caso das artes que se apresentam inicialmente como "puras" — cinema mudo, radiodrama absoluto, pintura não figurativa, poema automatico — é mais dramático, porquanto vive essencialmente da coragem e da gloria de uma derrota. Nelas, a dialética de "puro" e "impuro" vive eternamente, renova-se a cada fotograma, a cada gesto, a cada pincelada, como uma especie de heroísmo inútil e sublime. A derrota verifica-se não apenas fenomenologicamente, isto é, na arte "em si", na sua estrutura — mas, também, historicamente: o cinema mudo é derrotado pelo sonoro, o radiodrama pela televisão, o poema e o quadro não-descriptivos pelo exito que só lhes é proporcionado graças às suas "coincidências" com o mundo dos sentimentos comuns, da emoção artística mais "impura" e tradicional. E a pantomima? Sua derrota é dupla: de um lado, ela se verifica na direção do balé, e do outro na direção do teatro falado. Crucificado entre estas duas tendencias que o arrastam para cá e para lá, incessantemente, o mimo desenha no palco não uma felicidade serena de poesia reali-

zada, mas sim a tragedia constante de sua impossível libertação, o drama de desejar um extase que lhe é negado. O maior resultado estético a que pode atingir este adorador do equilibrio puro, este caçador do absoluto, é justamente o milagre de um desequilibrio permanente.

O equívoco estético destas artes "incompletas" reside em que elas medem seu grau de pureza pela dependencia de um só dos cinco sentidos (vista no cinema, ouvido no radiodrama) enquanto, em torno a elas, toda a arte evolui na direção oposta, rumo à síntese wagneriana e à abolição dos generos. Veja-se o caso do cinema atual, com suas possibilidades diversas: som, imagem colorida, terceira dimensão. Esta arte está destinada, não a con-

servar a autonomia estetica do cinema, mas sim a medir a relação mutua entre varios elementos: literatura, teatro, opera, balé, pantomima, musica e artes plasticas.

As artes "puras", entretanto, constituem uma necessidade perpetua, dentro da atividade estetica, porquanto elas mantêm viva a tensão entre o aproveitamento integral de cada um dos meios de expressão e sua funcionalidade relativamente a um resultado maior. Ficando de pé unicamente esta ultima exigencia, toda a arte tenderia, por força de inercia, a reduzir-se a explicação, descrição ou documentario. Assim, por exemplo, no teatro, a presença de um caso-limite, como o da pantomima, estimula o ator à procura da expressão corporal e o diretor à pesquisa plastica. Isto pelo que se refere à pantomima na sua generalidade, no seu concreto valor historico. Quanto ao que a pantomima parece despertar em raros momentos de sobressalto cosmico, já escapa aos dominios da arte. Não é expressão, é evocação: é a memoria, em nós, do poder magico, da dominação do homem sobre as forças ocultas, em algum ritual perdido nas nevoas hermeticas, no tempo sem tempo, idade do ouro, anterior à Babilônia.

FOLHA DA NOITE ~ 13/11/53